



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
(PROJETO SEGUNDO TEMPO)**

DAYSE CASSIA ALVES MEDEIROS

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias - Segundo Tempo

Número da entrevista: E-196

Entrevistada: Dayse Cassia Alves Medeiros

Nascimento: 30/09/1987

Local da entrevista: São Paulo - SP.

Entrevistador/a: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Data da entrevista: 09/12/2010

Transcrição: Bruna Caroline Oliveira Pedro

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 09 minutos e 34 segundos

Páginas Digitadas: 05

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

MEDEIROS, Dayse Cassia Alves. *Dayse Cassia Alves Medeiros (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Inserção no Programa Segundo Tempo; formação profissional; monitoria em Educação Física; processo de capacitação de monitores; trabalho nos núcleos; concepção de esporte; avaliação do Programa; inclusão social; atividades culturais; limites e possibilidades do PST.

São Paulo, 09 de Dezembro de 2010. Entrevista com Dayse Cassia Alves Medeiros a cargo do entrevistador Marco Antonio Ávila de Carvalho para o projeto Memórias do Programa Segundo Tempo.

M. C. – Dayse, eu começo te perguntando como e quando iniciou o teu envolvimento com o Programa Segundo Tempo?

D. M. – O meu envolvimento com o Programa Segundo Tempo se iniciou com o meu ingresso no Ensino Superior. Eu ingressei em 2007/01 e quando foi já em 2007/02 eu observei, e passei três vezes pelo mesmo lugar, porque estava tendo aulas com crianças e eles estavam vestidos aí deu para ver que era do Projeto Segundo Tempo. Como eu sou da área da Educação Física e estava voltada para a atividade física eu fiquei curiosa, eu sempre fui uma pessoa muito curiosa. Eu cheguei lá timidamente, conversei com o monitor e ele me convidou a participar, à observar, aí eu comecei, ingressei, aí fiquei e fiquei e fiquei até virar como monitora. Quando estava no período como voluntariado, eu consegui ainda fazer algum tipo de intervenção aí me deixavam livre, mas com o monitoramento dele, e dois anos só depois eu virei monitora efetiva e desde então não saí mais. Então, em 2007/02 ingressei como voluntária e em 2009/01 eu virei monitora efetiva.

M. C. – E quais atividades que tu ministras, desenvolve lá?

D. M. – Esportes coletivos e esportes individuais, e a questão cultural que é muito trabalhada também pois a gente não só desenvolve esporte pelo esporte, a gente pede que eles façam a leitura. A gente faz a prática, mas é uma prática fundamentada, então, eles têm aula de teoria e prática. E em relação às atividades culturais, porque o impacto que o professor tem no aluno é enorme, cabe a você querer que seja bom ou que seja ruim; e negar essa cultura que a gente possa vir a trabalhar com eles para mim, fere a cultura deles, inevitavelmente. Então os desportos coletivos são trabalhados sim, tem enfoque sim e desporto individual, mas também cultural.

M. C. – Tu estás vinculada ao projeto padrão?

D. M. – Sim

M. C. – Os alunos vão para a universidade, para o Campus?

D. M. – Isso, como a Universidade disponibiliza a estrutura, a gente utiliza da melhor forma: eles vão para lá fardados, a gente tem um ponto de apoio para, em determinados horários eles chegarem lá, e de onde a gente vai se encaminhar para a aula. Se a gente for dar aula de Atletismo o nosso ponto é no ginásio, mas a gente vai para a pista, se for no ginásio mesmo a gente já deixa o portão aberto e eles entram.

M. C. – E tu participaste de algum processo de capacitação?

D. M. – Participei de um em 2009, e participei de outro agora em 2010. O de 2009 eu achei bem mais proveitoso porque teve a participação de uma equipe colaboradora.

M. C. – E foi aonde?

D. M. – Foi na minha cidade ainda, e foi num colégio estadual que tinha uma estrutura muito boa. Em compensação, como eu já falei na apresentação, eu vejo essa linha de capacitação um tanto quanto defasada, porque o Ministério deveria ter um contato direto também com o monitor já que ele tem com o coordenador. Não desmerecendo os coordenadores que são de extrema importância, mas eu acho que o monitor é que está lá na ponta e sabe o dia-a-dia de cada aluno e do que se está precisando.

M. C. – Então tu acreditas que teria que ter um acompanhamento maior, pelos menos da equipe colaboradora na capacitação dos monitores?

D. M. – Sim, se não conseguissem que fosse feito junto ao Ministério que pelo menos um integrante da equipe colaboradora participe desse projeto de capacitação.

M. C. – E a de 2010 que tu fizeste?

D. M. – A de 2010 deixou muito a desejar, porque a capacitação foi feita com os novos coordenadores; os antigos já fizeram a capacitação, por isso não precisam, então os novos

foram capacitar; e teve uma divergência de pensamentos, a representação que um deles teve, eu não tive. Teve essa divergência porque ele colocou o ponto de vista dele e não o do Ministério e se uma pessoa da equipe colaboradora estivesse lá poderia vir intervir, porque eu tenho o meu nível de conhecimento, mas e aquele que está entrando? Ele vai confiar naquele que está palestrando, porque ele não iria falar uma coisa infundada. Acho que é imprescindível que a equipe colaboradora venha assistir esse processo.

M. C. – Sobre a avaliação do Programa Segundo Tempo em si, quais os pontos positivos que tu destacas no programa?

D. M. – Avaliação é um processo muito delicado, está sempre em construção e nunca tem uma avaliação definitiva. Eu prezo muito a avaliação formativa que vem acontecendo no Segundo Tempo que é a aquisição de conhecimento do alunado. Parte do pressuposto de o professor saber se o aluno foi bem, se ele está aprendendo ou não. É uma construção que tem que ser feita... Eu acho que o projeto pedagógico tem que ser um tanto quanto modificado e até mesmo ser adequado à realidade, porque a gente não pode trabalhar com a avaliação de um projeto utópico que não atenda a nossa realidade.

M. C. – Um dos objetivos do programa é a inclusão social tu vês que atende a esse objetivo? Há uma contribuição do Programa Segundo Tempo para inclusão social?

D. M. – Há sim, só que o problema também é o “feedback” do aluno, a gente aplica o que o Ministério... O que se adere à proposta, só que esse “feedback” dos alunos no começo é muito bom, e depois há uma evasão. Porque como a gente trabalha em um projeto carente, os alunos têm que trabalhar, eles vão fazer diversas atividades que rendam financeiramente, então deixam o projeto um tanto quanto de lado. Mas eu acho que sim, a gente aplica de forma clara e objetiva, eles sabem logo no início do projeto e eu acho que é mais o “feedback” deles mesmo.

M. C. – E a questão dos limites do Programa: quais os limites e as dificuldades que tu encontra e vês no Programa?

D. M. – Caramba! Assim aqui, agora, além dos materiais, eu acho que pouco investimento na questão cultural, porque na questão cultural? Porque eu acho pouca a disponibilidade de recursos financeiros para que eles façam mais passeios, que a gente têm poucos passeios. E tirar eles daquele âmbito é de extrema importância para que eles vejam além dos que eles estão passando, o que eles podem futuramente investir nos estudos e possam vir a crescer e não ter aquele fim trágico que normalmente eles vêm nas ruas. Eu acho que poucos conhecem a cultura regional porque vem mais bola, não tem um acompanhamento de danças folclóricas, construção de materiais; eu acho muito falho nessa questão.

M. C. – A gente está agora, em um evento que está fechando um ciclo do Programa, em um evento de avaliação do Programa. Na tua opinião, o que tu acha que é possível fazer para o Programa se qualificar ainda mais?

D. M. – É como eu tinha falado, perfeito é chato, o melhor é a construção, então eu acho que a gestão foi muito boa, apesar de [trecho inaudível] do PST foi muito boa. Eu acho que a próxima gestão deve rever alguns conceitos e sentar mesmo com quem está realizando, parar de ficar lá em cima e querer mandar, descer um pouco do pedestal e ver a realidade que ele está querendo atender. Como eu falei anteriormente: “o que é o planejamento? É um instrumento teórico-metodológico que visa, aquele aluno, à inclusão social. Então como é que eu vou saber do que o aluno está precisando, se eu estou lá em cima sem ver a realidade inteira? É complicado a gente ter um diagnóstico sem ver.

M. C. – Perspectivas da Dayse, monitora voluntária, agora monitora e futura professora: quais as suas perspectivas Dayse?

D. M. – Rapaz! Minhas perspectivas? Bom, agora eu preciso escrever meu TCC¹ [riso] tenho que parar um pouquinho. Mas o Segundo Tempo eu tenho guardado no meu coração eu acho que foi... metade do meu caráter foi construído nele, minha construção toda acadêmica foi nele, eu tenho um carinho enorme guardado sempre no coração. Penso futuramente se pegar uma coordenação em continuar no ramo, mas agora eu me vejo terminando o TCC e partindo para um Mestrado.

M. C. – E na área ali mesmo? Na faculdade?

D. M. – Na área da Educação Física mesmo.

M. C. – Bom, eu gostaria de agradecer o teu depoimento, depois de uma longa apresentação, e se tu quiseres falar mais alguma coisa que não tenha sido contemplada...

D. M. – Estava bem nervosa, mas não está perfeito para mim.

M. C. – Então, obrigado Dayse!

D. M. – Obrigada a você!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

¹ Trabalho de Conclusão de Curso.